

EDITORIAL

Com o título “Periferias interculturais: pensamento e religião” este dossiê reúne seis trabalhos escritos às margens do Sistema Mundial Colonial-Moderno. Apesar das diferenças em sua origem e contexto regionais, possuem uma unidade temática propositiva, apresentando-se como alternativas interculturais frente aos desafios da modernidade.

A perspectiva inter-libertadora constitui a espinha dorsal desta coletânea que integra o rol de trabalhos que militam na descolonização. Seus autores se encontram nas periferias do sistema. Estudiosos marginais de “coisas” marginais, investigadores conscientes de que a ordem mundial estabelecida tendo como marco a americanização de Abya Ayla se desenha em uma geografia econômica, racial, cultural, epistêmica e política. Geografia esta que expressa a colonialidade do poder (ANÍBAL QUIJANO) e o parasitismo social (MANOEL BOMFIM).

Ainda que recente nas academias, a descolonização e a desparasitação - enquanto sistematizações teóricas ou como práticas libertadoras -, sempre foram referências das minorias historicamente subalternizadas. Assim nos diz Walter Mignolo (2014, p. 20-21)¹,

Es importante distinguir, por un lado, “el pensamiento descolonial” que puede ser estudiado y analizado filosófica, sociológica, psicológicamente, etc., y el “pensar descolonial”, que es una manera de enfrentarse al mundo y a las disciplinas que tratan de explicarlo. (...) Mientras que pensar a partir de universales abstractos en el marco de la modernidad, nos lleva a la ansiedad de querer remplazar lo previo para proponer lo nuevo. Pensar descolonialmente, por su parte, nos lleva simplemente a argumentar a favor de la opción descolonial que afirma su derecho a tomar la palabra y co-existir con las opciones ya existentes (conflictivamente en algunos casos, solidariamente en otros).

Um pensar descolonial e uma vida libertadora. Neste dossiê a filósofa chilena Lorena Zuchel nos apresenta “O pensamento libertário de Ignacio Ellacuría”, mártir da libertação em El Salvador. Em texto impactante que denuncia sua paixão pela libertação, Lorena Zuchel intenta demonstrar como esse filósofo harmonizou a sua fé com a filosofia, aspecto essencial na construção do seu projeto de libertação. Ao conceder notoriedade à luta de Ellacuría pela liberdade dos oprimidos em El Salvador, a autora o apresenta como *mártir salvadorenho*.

¹ MIGNOLO, Walter. Una concepción descolonial del mundo: conversaciones de Francisco Carballo con Walter Mignolo. Buenos Aires: Ediciones del Signo: Buenos Aires, Colección El desprendimiento, Project (Duke University) 2014.

Ignácio Ellacuría sustentava o argumento de que conflito armado naquele país resultava da injustiça estrutural vivida pelo povo e que o fim da guerra dependia da eliminação das situações de injustiça. Em seu projeto de libertação situava a contribuição da Teologia da Libertação às religiões abraâmicas para superação dos individualismos e do Positivismo. Assassinado em 13 de novembro de 1989 pelas Forças Armadas de El Salvador, ao tentar mediar a paz, Ignácio Ellacuría, como bem nos apresenta essa professora da Universidad Técnica Federico Santa Maria de Val Paraíso, Chile, deixa como legado a necessidade de pensarmos a partir de outra lógica que não a moderna.

A periferia em migração é tema do denso texto do teólogo e estudioso da religião na América Latina, Jorge E. Castillo Guerra. Em texto que tem como corpo a alteridade, esse intelectual panamenho que atua como professor e pesquisador na Universidade Radboud-Holanda, nos chama a atenção para as transformações na identidade e na fé dos migrantes. Ao trazer a imagem do “Cristo Mojado” articula fé, mobilidade humana e interculturalidade. A migração em seu texto se apresenta como um desafio à Teologia pois sugere a necessidade de uma transformação intercultural nessa área do conhecimento. “Migração e espiritualidade inter-libertadora” denuncia as políticas de fronteiras impostas pelos países centros do Sistema Mundial Colonial-Moderno. São colonialidades raciais, políticas e do poder que objetivam evitar que o deslocamento geográfico seja possibilidade de libertação. A migração esboça geografias culturais e simbólicas a exemplo dos espaços de libertação construídos pelo povo migrante que ressignifica seus símbolos para manter sua cultura de origem. Enquanto *mojada* da injustiça social, os imigrantes - motivados pela esperança e por sua espiritualidade - desenham um novo Cristo.

A semioticista Georgette N'Dour nos brinda com um texto africano e libertador. Essa investigadora da Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Senegal, defende a visão de mundo africana – periférica - como aporte a um mundo mais justo. Em “As tradições religiosas culturais africanas como uma forma de vida e de pensamento”, versão ampliada de sua conferência em Aachen (2019), Alemanha, a metáfora do poço e da árvore é apresentada como demonstração da igualdade de gênero e a relação de interdependência entre o masculino e o feminino como forma de diminuir o patriarcado. Esse, como bem se sabe, se constitui enquanto colonialidade de gênero e, porque não dizer, como parasitismo da mulher. Situações que, inclusive, inclui a África. O texto de N'Dour é totalmente libertador ao ter como pano de fundo as culturas *pré-coloniais*.

A perspectiva intercultural apresentada pela cientista da religião Cristina Borges, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes - tem a experiência ritualística da ancestralidade como aspecto decolonial. “Religiões e interculturalidade: as religiões afro-brasileiras”, versão revisada e ampliada de sua conferência em Aachen (2019), propõe o diálogo cultural com os antepassados para acessar conhecimentos e saberes da humanidade, anteriores à modernidade. A partir de estudos empíricos, desenvolvidos durante mais de uma década, a autora reconhece a necessidade de trazer à tona exterioridades culturais periféricas menos impactadas pela racionalidade e ciência modernas com vistas ao enfrentamento dos grandes desafios impostos pela vida moderna, tais como o ruído da tecnologia que, segundo Fornet-Betancourt (2017), compromete o cognitivo humano. Ao longo do texto a reconciliação da humanidade com a natureza é colocada como experiência para o autoconhecimento. Articulando interculturalidade e as religiões de matriz africana, a autora nos mostra que os universos culturais como a Umbanda e o Candomblé são mecanismos de reconciliação com o passado cultural e com a natureza, uma vez que percebe seus rituais como momentos de diálogo com os antepassados e de autenticidade. Candomblé e Umbanda são religiões vítimas da intolerância religiosa no Brasil.

Diante da realidade de racismo étnico e epistêmico em nossa sociedade e a negação desta por parte do sistema pedagógico brasileiro, o psicólogo e cientista da religião Guaraci Maximiano dos Santos empreende reflexões acerca da necessidade da escola e dos profissionais de ensino prestar a sua colaboração para que o ato pedagógico seja um efetivo instrumento de promoção da alteridade dos povos negros, suas culturas e religiosidade. Em “Religiões Afro-Brasileiras, educação e interculturalidade”, o autor apresenta o Candomblé, a Umbanda e seus constituintes, abordando as leis 10.639/03 e 11.645/08, PCN (1997), PCNEM (2006), a Resolução CNE/CP 01/04 e o Parecer 003/04, como nortes para viabilizar reflexões e aplicação das mesmas no Ensino Fundamental. Em perspectiva decolonial traz a interculturalidade como elemento importante para a construção de um campo educativo decolonial.

Encerra este dossiê o artigo apresentado por Beatriz de Oliveira Pinheiro intitulado “A interculturalidade como categoria de análise para se pensar o Ensino Religioso”. A jovem cientista da religião reconhece o pensamento intercultural enquanto fator descolonizador ou decolonial ao pontuar a sua dimensão ética que, segundo ela, pode ser construída a partir das diferenças. Nessa perspectiva, a pesquisadora situa o Ensino Religioso a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a responsabilidade dos educadores frente aos

objetivos desse componente curricular. A presença política do professor ao despertar em alunas e alunos o interesse pela busca do conhecimento e a construção de um projeto de vida ético que contemple a diversidade, é vislumbrada por essa autora como decolonial.

Em tempos pandêmicos - repletos de discursos fundamentalistas -, o dossiê “Periferias interculturais: pensamento e religião” oferece aos leitores, atentos e críticos, possibilidades para se pensar descolonizações e desparasitações.

Ângela Cristina Borges e Giseli do Prado Siqueira
Organizadoras/ Dossiê “Periferias interculturais: pensamento e religião”